



O DIALOGISMO NA PROPOSTA DE PAULO FREIRE PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA

EDITE MARQUES DE MOURA*

Os desafios como alfabetizadora levaram-me ao encontro com Freire, pelo livro *A importância do ato de ler*, no qual se encontra sua assertiva: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, (...)” (Freire, 1982, p. 6). Com Bakhtin, o encontro data da Pós-Graduação. Indagações levaram-me a investigar o significado e o fundamento da afirmação que, compreendi depois, apontava a imanente relação entre linguagem e realidade: a “palavramundo”. Nessa busca, indícios da ligação entre a referida afirmação e a de Kleiman (1995), ao explicar que ler exige a mobilização de conhecimentos. Freire concebe a leitura como um ato social sem desconsiderar sua dimensão cognitiva, ao propor para a organização do ensino o mesmo ponto de onde parte a cognição: a reconhecimento, o reconhecimento, “lugar” no qual se constroem os significados (BERTHOFF, 1990). Freire esboçou uma filosofia da aprendizagem. Eis o principal “ponto de encontro” entre ele e Bakhtin: a palavra, material da linguagem. Além das categorias “linguagem”, “palavra”, emergem “consciência”, “diálogo”, subjacentes à afirmação de que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, o que remete ao dialogismo de Bakhtin: diálogo entre sujeitos e entre discursos, discutidos por Brait (2005). Das intersecções entre Freire e Bakhtin, evidenciadas nos conceitos: “linguagem”, “palavra”, “consciência”, “diálogo” e “dialogismo” (MOURA, 2011, 2019), este último, princípio unificador da obra de Bakhtin (2003, 2000), sobre o qual outros estudiosos como Fiorin (2008), Morson & Emerson (2008), lançam o olhar, parece ser ainda um ponto a aprofundar em Freire. Em Estágio Pós-Doutoral, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco proponho mapear os possíveis pontos de encontro entre esses pensadores acerca desse conceito. Já encontramos evidências do diálogo entre sujeitos na proposta de Freire para o ensino e a aprendizagem da leitura. E do diálogo entre discursos: haverá também indícios?

Palavras-chave: linguagem; palavra; dialogismo; leitura; alfabetização.

Introdução

As leituras de/sobre Freire foram uma demanda forjada no início de minha atuação como Professora dos Anos Iniciais em uma Escola Municipal na zona rural em Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife. Foi nessa escola que tive os primeiros desafios com questões de alfabetização e também o primeiro encontro com Paulo Freire, por meio do livro *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*, no qual está escrita a assertiva mais conhecida e mais repetida desse grande educador e que traz os dois pilares de sua proposta para o ensino e a aprendizagem da leitura: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”

Já os estudos de/sobre Bakhtin me foram apresentados na Pós-Graduação lato e stricto sensu.

Esse percurso de leituras para responder a inúmeros questionamentos advindos dos diversos papéis desempenhados na Educação — Professora alfabetizadora, Professora formadora, Estudante da Pós-graduação, Consultora de alfabetização, Professora na pós-graduação — aguçou-me a curiosidade epistemológica, que me levou a investigar o fundamento dessa assertiva

que apontava a imanente relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, que Freire chamou de “palavramundo”.

Essa busca me trouxe indícios da ligação entre essa assertiva de Freire e os aspectos cognitivos da leitura discutidos pela psicolinguista Ângela Kleiman (1995). Ao tratar desses aspectos, a referida autora explica que no ato de ler mobilizamos conhecimentos. Essa constatação evidencia que Freire concebe a leitura como um ato social sem perder de vista sua dimensão cognitiva. Por isso, propõe que o ponto de partida para a organização do ensino deve ser o mesmo de onde parte a cognição: a reconhecimento, o reconhecimento, “ato fundamental da mente” por meio do qual se constroem os significados (MOURA, 2021).

Ao desenhar a arqueologia do ato de ler, Freire esboçou uma filosofia da aprendizagem, a Pedagogia da palavra. Eis o principal “ponto de encontro” entre ele e Bakhtin: ao reposicionar a palavra, Freire colocou-a como material da linguagem, instrumento por meio do qual as classes sociais se digladiam. Nesse desenho, além de categorias como linguagem, palavra, emergem também consciência, diálogo, subjacentes à assertiva de que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, ou seja, o imanente diálogo entre a realidade e as palavras que dela dão “notícias”, o que nos remete ao dialogismo de Bakhtin, ao tratar do diálogo entre sujeitos e do diálogo entre discursos, discussão mapeada por Brait (2005), ponto de atenção sobre o qual estudiosos como Fiorin (2008), Morson & Emerson (2008), também lançam o olhar para “dar forma” ao que para Bakhtin é a vida da linguagem, e que me parece ser ainda um ponto a aprofundar no interior dos escritos de Freire.

A inquietação que me desafia será norteadada pelas seguintes indagações: Que aspectos do dialogismo têm sido “auscultados” nos escritos de Bakhtin pelos estudiosos de sua obra? Que aspectos do dialogismo forjado por Mikhail Bakhtin estão presentes na obra de Freire e quais suas vertentes teóricas?

O objetivo geral para este estudo foi analisar os elementos constitutivos do dialogismo nos escritos de/sobre Bakhtin, verificando os aspectos desse conceito presentes na proposta de Paulo Freire para o ensino e a aprendizagem da leitura, mapeando as vertentes teóricas fundantes desse conceito em Freire. Os objetivos específicos foram i) analisar o arcabouço do conceito de dialogismo desenhado pelos estudiosos de Bakhtin; ii) mapear em alguns dos escritos de Freire que subsidiaram a escrita da nossa Tese de Doutorado o conceito de dialogismo; iii) verificar as aproximações e/ou distanciamentos entre o conceito de dialogismo forjado por Bakhtin e as discussões de Freire que apontam para esse conceito.

Resultados e Discussão

O conceito de dialogismo, *princípio unificador da obra de Bakhtin*, situa-se no interior do projeto investigativo do Círculo que ganhou seu nome; desenvolveu-se a partir dos eixos que dão suporte à concepção da linguagem – *a unicidade do ser e do evento; a relação eu/outro; a dimensão axiológica* (FIORIN, 2008, p. 17).

Para esse autor, *o que Bakhtin construiu deve ser entendido antes como uma espécie de sistema filosófico ou – como insinuou o próprio Bakhtin, uma antropologia filosófica, conjunto a que muitos de seus comentadores têm dado o nome de dialogismo*. Trata-se de um empenho em refletir a condição humana, e não apenas fragmentos existenciais (FIORIN, *op. cit.*, p. 118).

Fiorin (*op. cit.*, p. 24-59) aponta três conceitos de dialogismo forjados nos escritos de Bakhtin: o modo real de funcionamento da linguagem; a forma



composicional de organização dos discursos; o princípio constitutivo do indivíduo e de sua ação.

Outra pesquisadora que discute o dialogismo, Brait (2005, p. 27) capta o percurso de dois conceitos forjados por Bakhtin: o diálogo entre sujeitos e o diálogo entre discursos.

Ao primeiro conceito - **o diálogo entre sujeitos** - estariam subjacentes quatro aspectos: i) a interação entre sujeitos é o princípio unificador da linguagem; ii) a intersubjetividade antecede a subjetividade; iii) o sentido das palavras e do texto depende da intersubjetividade; iv) a existência de dois tipos de sociabilidade: entre os sujeitos e entre estes e a sociedade.

Esses quatro aspectos elencados por Brait (*op. cit.*, p. 27) são evidenciados na proposta de Freire para o ensino e a aprendizagem da leitura. Uma concepção dialógica, que considera os acontecimentos do mundo, os quais constituem o acontecimento maior: a própria vida, cuja unidade, nas palavras de Morson & Emerson (2008, p.79) *é essencialmente uma unidade de vozes múltiplas*, não finalizáveis, ou seja, uma unidade polifônica. E é a palavra que dá conta desses acontecimentos (MORSON & EMERSON, 2008, p. 79).

Então, as relações dialógicas realizam-se pela palavra: entre os elementos no sistema da língua; entre os elementos do “texto” ou entre textos, em uma perspectiva rigorosamente linguística; entre as unidades de um nível ou de níveis diversos; entre as unidades sintáticas.

Bakhtin (2003, p. 215, 216) afirma ser possível a ocorrência dessas *relações dialógicas com apenas uma palavra, desde que nela se choquem dialogicamente duas vozes*, o que denomina microdiálogo. Portanto, à compreensão do enunciado, não bastariam os aspectos fonéticos, morfológicos e semânticos. Nem mesmo a entonação, ainda que conhecida, seria suficiente para o acesso ao significado. A condição para que a plenitude da palavra seja uma realidade é que os interlocutores compartilhem, isto é, que lhes sejam comuns: o horizonte espacial; o conhecimento e a compreensão da situação; a avaliação da situação.

Para a discussão sobre a indissolubilidade da relação entre o discurso e a *situação extraverbal que o engendra*, foi apresentado um exemplo intencionalmente simplificado de conversação entre duas pessoas, *ambas sentadas em uma sala*, cujo silêncio foi quebrado quando uma delas pronunciou apenas uma palavra – *Bem* – à qual não há resposta da outra.

Neste caso, o processo de significação só poderia ser viabilizado pelo conhecimento do contexto extraverbal, através do qual a palavra alçaria à condição de *locução plena de significado*:

No momento em que o colóquio acontecia, ambos os interlocutores olhavam para a janela e viam que começava a nevar; ambos sabiam que já era maio e que já era hora de chegar a primavera; finalmente, ambos estavam enjoados e cansados do prolongado inverno – ambos estavam esperando ansiosamente pela primavera e ambos estavam amargamente desapontados pela neve recente (BAKHTIN, 2009, p. 9).

Teríamos, então, os aspectos dos quais dependeria a instauração dos significados na enunciação. Embora *sem articulação ou especificação verbal*, estariam subjacentes à



palavra *Bem*, o que Bakhtin (*op. cit.*, p. 8) classificou como presumido: • o que viam: os *flocos de neve do lado de fora da casa – o conjuntamente visto*; • *quando: a data, a época do ano – o conjuntamente sabido*; • *como viam: entediados do inverno, desejosos da primavera* – o modo unânime de avaliar.

Essa reflexão de Bakhtin remete a um episódio relatado por Freire (1994) ocorrido em um Círculo durante o qual foi apresentada aos pais uma pesquisa sobre a alta incidência de castigos aplicados às crianças, consequência da concepção de que trariam benefícios à formação dos sujeitos.

Freire lembra que no percurso da explanação, um homem de uns 40 anos o surpreendeu ao contestar-lhe as afirmações (FREIRE, 1994, p. 27). Nas palavras de Freire, aquele era um homem envelhecido pela crueza da vida; suas circunstâncias faziam-no acreditar não ter escolhas. Em nome dos outros que não se permitiam tamanha ousadia, tomou a palavra para dizer o que, provavelmente, era o sentimento dos demais. No cerne dessas reflexões de Freire, estavam colocados conceitos como linguagem, palavra, diálogo e dialogismo.

Esse embate relatado por Freire (*op. cit.*) traz os mesmos elementos observados por Bakhtin (2009, p. 9) naquele diálogo entre três sujeitos em torno de uma única palavra e para cuja compreensão incidia o compartilhamento de três aspectos: o que viam; *quando e como viam*. A questão é que no episódio narrado por Freire nenhum aspecto coincidia: *nem o que, nem o quando, nem o como Paulo Freire e o pai viam*.

Ao contrário da convergência relatada por Bakhtin, a situação descrita por Freire (1994) mostra que, de fora, ele via os pais cometendo o equívoco de acreditar no castigo como elemento formador do caráter. De dentro da situação, o sujeito, que representava os demais na tomada da palavra, via-se como ser esmagado pelas circunstâncias, que não tinha escolha senão descontentar nos filhos sua angústia, sua sina, a qual, provavelmente, seria por eles herdada.

Momentos como esse constituíram-se subsídios para Freire reconhecer que a palavra poderia ser usada tanto a serviço da opressão quanto da libertação, em todo e qualquer domínio discursivo, destacando-a como mediadora das relações humanas. Por *palavras bonitas*, assim consideradas pelo trabalhador que ousou falar, poderíamos depreender *palavreria, verbalismos*, termos empregados pelo próprio Freire, que parecia desolado ao rememorar o equívoco detectado por aquele homem em sua prática.

A perspectiva apontada por Bakhtin coincide com a posição dada à palavra por Freire (1983), para quem ela também é desvelada no diálogo, ao tempo em que se constitui sua força motriz. Ou seja, a palavra materializa as relações e se materializa nelas. Seriam, então, palavra e diálogo, um só.

Dito de outro modo, teríamos: a palavra no movimento do reposicionar-se no mundo, indo na contramão das relações fatalistas, as quais deveriam ser minadas pela criticidade.

Para que isso fosse possível, os responsáveis pelo desenvolvimento dos trabalhos deveriam organizá-los seguindo esta trilha: conhecer a realidade dos grupos que participariam dos Círculos, organizando sua tarefa em cinco momentos não estanques, os quais incluíam atividades anteriores aos encontros com o alfabetizando:

- 1 - investigação do universo vocabular dos grupos a serem trabalhados;
- 2 - redução da quantidade de palavras a partir da investigação feita;
- 3 - criação e codificação de situações do cotidiano do grupo a ser alfabetizado;
- 4 - elaboração de Fichas-Roteiro, que dariam suporte às atividades dos coordenadores de debate, mas sem caráter prescritivo;
- 5 - elaboração de Fichas com as famílias fonêmicas relacionadas aos vocábulos geradores.



De acordo com Freire (2008, p. 121), o processo de investigação do vocabulário deveria ocorrer por meio de encontros informais com os moradores da área, mas com o consentimento deles. As orientações acerca dos vocábulos a serem coletados apontavam a observação de dois aspectos:

- a. os vocábulos mais carregados de sentido existencial e, por isso, de maior conteúdo emocional;
- b. os falares típicos do povo, bem como as expressões relacionadas a experiências individuais e de grupo, nos quais se incluem os do âmbito profissional.

Freire reafirmou a importância desse processo para desvelar anseios, crenças, esperanças, mas também *ímpetus de participação*, além de manifestações estéticas da linguagem popular. Citou exemplos dessas expressões, das quais deveriam se originar as palavras geradoras:

Janeiro em Angicos é duro de se viver, porque
janeiro é cabra danado para judiar de nós.
Quero aprender a ler e a escrever para deixar de ser
sombra dos outros (FREIRE, 2008, p. 120).

À análise das palavras coletadas seguia-se a definição de quantas e quais seriam utilizadas nos encontros de alfabetização.

No segundo momento, a tarefa era o processo de Redução: uma delimitação da quantidade de palavras coletadas, para definir as que seriam utilizadas como geradoras. Esse procedimento desvelava os sentidos existenciais, os conteúdos emocionais, colocando em foco os temas que definiriam as codificações. Para a alfabetização, as codificações seriam acrescidas da palavra; para os já alfabetizados, as codificações com o tema gerador.

A redução também poderia ser feita com outro elemento: um texto, do qual seria feita uma síntese. Por exemplo, o conceito de cultura, a partir do qual buscava-se construir a percepção da diferença entre natureza e cultura, na perspectiva de possibilitar ao sujeito a compreensão de que as diferenças entre os modos de fazer não implicam sobreposição entre eles.

A delimitação do léxico selecionado no universo vocabular pesquisado deveria atentar para os três seguintes critérios: - a riqueza fonêmica; - as dificuldades fonéticas; - sua inserção em âmbitos: - social, cultural, político.

Definidas as palavras a serem utilizadas, haveria então o acervo de temas aos quais elas estariam vinculadas. A próxima etapa seria, então, a materialização desses recursos.

Freire (*op. cit.*) definiu os elementos que constituem a palavra: ação e reflexão, os quais não se prescindem, sob pena de reduzir as relações intersubjetivas a verbalismos, palavrarias. A palavra verdadeira transforma a realidade, mas sozinho não é possível a um indivíduo fazê-lo. Só a intersubjetividade viabiliza esse movimento, que não pode ser privilégio de alguns. Ao tratar do emprego da palavra a serviço da opressão, Freire (1983) citou como exemplo o sentido do vocábulo extensão, que refletia as relações estabelecidas entre os agrônomos e os camponeses.

O outro aspecto do dialogismo apontado por Brait (*op. cit.* p. 27), o **diálogo entre discursos** ocorre quando a palavra ganha autoria, ou seja, converte-se em signo da *posição semântica do outro*. A alternância de vozes, a consciência e a intencionalidade são a força motriz desse diálogo.

Nas palavras de Bakhtin (1990, p. 32), “o discurso é a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio



de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”. Então, a condição para a ocorrência desse diálogo é o momento dialógico, que personifica a linguagem, tornando-a enunciado, transformando-a em asserções de sujeitos distintos. Portanto, no discurso, diálogo são os pontos de vista expressos nos posicionamentos dos sujeitos acerca do seu mundo.

Freire evidencia essa perspectiva nas narrativas de episódios ocorridos em encontros com camponeses, pescadores, trabalhadores da construção... Nessas narrativas, algumas delas em *Pedagogia da Esperança*, Freire (1994) ressalta a importância de provocar a prática do diálogo para a ocorrência da alternância de vozes, o encontro de consciências intencionadas às mudanças da realidade.

Desde as primeiras sistematizações escritas de suas ideias, Freire criticava o uso da palavra desvinculada da realidade, o que chamou de *verbalismo, palavreria*. Entretanto, só muito mais tarde, tais considerações tomaram consistência, quando expôs suas proposições para a prática educacional, principalmente para a alfabetização, explicando cada passo a ser dado pelos aprendentes.

Freire apontou algumas propriedades da palavra: seu potencial gerador; sua capacidade transformadora; sua função de mediadora das relações humanas, tanto a serviço da manutenção do *status* como a serviço de mudanças.

Acerca do diálogo, Freire teceu considerações, situando-o na esfera humana:

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos ser ele mesmo: a palavra.

Mas ao encontramos a palavra, na análise do diálogo como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (FREIRE, 1983, p. 91).

Freire (1983) compreendia o diálogo como um fenômeno essencialmente humano, cuja materialização ocorre por meio da palavra. Para ele, palavra e diálogo manteriam tão estreita relação, que seriam um só.

Paulo Freire percebeu os desencontros que a palavra pode provocar quando a interação das consciências é substituída por uma sobreposição. A constatação expressa por Freire (*op. cit.*) coincide com o pensamento de Bakhtin/Voloshinov (1997), que afirma ser o signo atravessado por uma ideologia, por interesses de indivíduos e/ou classes sociais distintas, as quais se servem *de uma só e mesma língua*, da qual a classe dominante faz uso para camuflar o embate dos índices de valor, o que torna *o signo a arena na qual ocorre a luta de classes*. O signo é “refratário e deformador” nos “limites da ideologia dominante”, à medida que tenta estagnar *a corrente dialética da evolução social*, buscando validar como “verdade de hoje uma de ontem” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p. 46, 47).

Reflexões como a daquele homem levaram Freire a compreender o quanto as circunstâncias, por distintas, tornavam também distintos seus posicionamentos, bem como os modos de responder aos desafios, os modos de apreciação dos quais impregnam-se os signos.

Causou-lhe espanto a exata descrição de sua casa, de sua rotina e de sua família: depois de um cansado dia de trabalho – o ambiente confortável e espaçoso de sua residência; seus filhos bem cuidados, alimentados, lhe permitiam recompor-se, repor suas energias. Incomodaram-no verdades tão conhecidas, mas só agora desveladas. O



óbvio, diante dele lançado no momento do confronto entre a sua realidade e a do operário. A falta de espaço na casa deste lhe dificultava os movimentos nos poucos cômodos; os poucos recursos de que dispunha para o atendimento às mais primárias necessidades.

Para Freire (1983), a palavra é desvelada no diálogo, ao tempo em que se constitui sua força motriz. Ou seja, a palavra materializa as relações e se materializa nelas. Seriam, então, palavra e diálogo, um só.

Freire (*op. cit.*) definiu os elementos que constituem a palavra: ação e reflexão, os quais não se prescindem, sob pena de reduzir a verbalismos. A palavra verdadeira transforma a realidade, mas sozinho não é possível a um indivíduo fazê-lo.

O que viabiliza a transformação é a intersubjetividade, um dos três grandes posicionamentos mobilizados pelo dialogismo, conforme aponta Dhalet (2005, p. 55). Por isso, o objetivo precípua da alfabetização na perspectiva pretendida por Freire era a formação de um sujeito dialógico, capaz de dizer sua palavra na pronúncia do mundo. Eis a dimensão do diálogo entre sujeitos presente na proposta de Freire.

As reflexões de Freire (1983) remetem ao que afirmava Bakhtin sobre as formas como as interações sociais determinam os signos, seu conteúdo, o índice de valor que os atinge. Dentre os signos, é possível à palavra, material verbal, preencher funções ideológicas em todas as instâncias e domínios de atuação humana. É produzida no âmbito do organismo individual, embora dependa do consenso entre os sujeitos, ao tempo em que é autossuficiente, pois não necessita de qualquer outro instrumento ou *material extracorporal* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p. 47).

Do mesmo modo, é material utilizado de forma privilegiada na interação da vida cotidiana. É ela que viabiliza o desenvolvimento da consciência, que se constrói na interação contínua com o universo da cultura. Afirma ainda Bakhtin/Voloshinov que *A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social* (1997, p. 35).

A esse processo, Bakhtin chamou de desencadeamento semiótico de reação ideológica, acontecimento possível apenas após o ingresso de determinado objeto na esfera social do grupo, estando ligado às suas condições socioeconômicas. Sobre esse fenômeno não incidiria o livre arbítrio, pois só a significação interindividual de um objeto, seu passaporte para o ingresso no domínio da ideologia, traz à existência um signo. A esse contexto responsável pela formação de um signo, Bakhtin (1997, p. 48) considerou conveniente chamar de *tema do signo*, sempre constituído de um índice de valor social, o qual sempre alcança a consciência do indivíduo.

A palavra verdadeira – condição que exige a indissolúvel relação entre os dois aspectos que a constituem, a ação e a reflexão, traria subsídios aos responsáveis pelo processo alfabetizador para conduzir o trabalho no sentido de despertar e desenvolver nos sujeitos a capacidade de discernimento, a criticidade, que lhes permite estabelecer relações, compreender sua realidade e compreender-se nela, para tomar atitudes na direção desta.

A leitura da *palavramundo* possibilita o exercício que Bakhtin (2009) classificou como atitude valorativa, que só pode ser tomada por quem é o centro de valoração do mundo: o ser humano.

Nesta perspectiva, Freire (1994) afirmava seguir a trilha mostrada por aquele trabalhador que o enfrentara no *Círculo de Pais e Mestres*, contrapondo-lhe a realidade de ambos, problematizando, embora o fizesse em uma abordagem fatalista, ao dizer que não havia saída para eles e os outros, a quem representava, por quem tomava a palavra naquele momento. A partir de então, Paulo Freire propôs a problematização, que ele procurou materializar no que chamou de Codificação, como recurso para o processo de



aprendizagem sobre o sistema de escrita. Para abordá-la, o diálogo, fenômeno fora do qual, para Freire (2008, p. 35) o ser humano não existe e cuja autenticidade é conferida pela consciência crítica, a qual ele chama de transitiva.

O conceito de diálogo discutido por Freire nesse fragmento remete ao conceito bakhtiniano de dialogismo, *um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância* (MARCHEZAN, 2006, p. 116, 117).

O diálogo aparece aqui como dispositivo para a construção do sujeito, tal como é proposto por Bakhtin, no estudo do diálogo socrático, em que mediante o questionamento dos saberes assimilados da cultura, o indivíduo faz a revisão do seu modo de ser no mundo, com o qual se relaciona na intersubjetividade, na alteridade, e do qual precisa – no dizer de Bakhtin – auscultar as vozes que lhe chegam por meio da palavra viva e concreta, arena na qual se estabelecem os sentidos que movimentam as relações humanas, immanentemente dialógicas, ideológicas.

Considerações Finais

Bakhtin e Freire convergem ao conceberem os humanos como corpos conscientes, capazes de acrescer ao mundo suas próprias vontades, que se manifestam na (re)criação dos espaços e tempos.

Uma síntese entre o pensamento de Mikhail Bakhtin e o de Paulo Freire acerca do lugar do ser humano no mundo, e com ele, poderia ser encontrada na afirmação de Paulo Freire, em *Educação como Prática da Liberdade* (2008), ao dizer que *o homem é um ser de relações*, característica humana que torna inevitáveis, compulsórias mesmo, o estabelecimento de relações, sejam diretas ou indiretas. No caso de Freire e Bakhtin, tais relações se estabeleceram por meio da leitura de estudos dos mesmos autores de diversas áreas de interesse. Essa coincidência de interesses como leitores ocorreu entre Paulo Freire e Bakhtin, que tiveram acesso a textos de filósofos antigos e modernos. Dentre os antigos, Aristóteles, Sócrates, Platão.

Dentre os filósofos modernos, leram Descartes, Kant e os neokantianos; as teses de Marx e os estudiosos que aplicaram suas concepções nas diversas áreas do conhecimento; de Husserl, provavelmente sobre a consciência. De Bergson, ambos focalizaram a questão da duração no que se refere às relações entre o espaço e o tempo na construção da historicidade humana. Encontram-se ainda leituras de Hegel, Kierkegaard, Karl Jaspers, Santo Agostinho.

Freire e Bakhtin também fizeram leituras de linguistas, dentre os quais, Saussure, de cuja teoria, de caráter estruturalista, Bakhtin lançou mão para refutar, e que influenciou estudiosos de outras áreas como a Antropologia.

Esse dois pensadores tiveram em comum a preocupação com as concepções dos seres humanos, de sua ação e de seu posicionamento no mundo. Embora em tempos e espaços diferentes, duas consciências intencionadas a objetivos divergentes, mas que apresentavam, no percurso de suas reflexões, pontos que se tangenciam.

Bakhtin aprofundou o estudo da linguagem, entendendo-a como propriedade intrínseca ao ser humano. Portanto, ao examinar a linguagem, ele também analisa o ser humano.

Freire, por sua vez, elabora uma proposta educativa cujos fundamentos sejam capazes de responder a indagações dos humanos sobre si mesmos. Os dois estudiosos, como se evidencia, entendem o ser humano – quer representados em seres da ficção ou não – como indivíduos em construção na/pela linguagem.

O cenário em que viveu Bakhtin contribuiu para o aprofundamento de suas reflexões sobre a linguagem. Os diálogos com o seu tempo materializam-se em



considerações que envolvem os mais diferentes filósofos, como os supracitados; linguistas, principalmente Saussure, bem como o pensamento de outros estruturalistas, estudiosos saussureanos. A psicanálise de Freud, os teóricos da literatura e importantes obras de autores, como Dostoiévski, Tolstoi, Rabelais, Dante, entre outros. Também foram intensos os diálogos de Bakhtin e Freire com as correntes de pensamento de seu momento histórico e da cultura.

Motivada pelas urgências de seu tempo e espaço, a busca de Freire por respostas resultou em uma filosofia para a educação: a pedagogia do oprimido, que deveria responder à indagação dos seres humanos sobre si mesmos. Era uma resposta de Paulo Freire à urgente demanda de seu tempo, uma situação-limite. Intencionada a esta, um ato-limite. Neste caso, uma ação educativa, cujo objetivo era provocar nos sujeitos outros atos com esse mesmo intuito.

No percurso da materialização do intento de Freire, encontra-se a ocorrência de diálogos diretos e indiretos entre os dois pensadores. Por exemplo, o diálogo de Freire com a Revolução Russa, contemporânea a Bakhtin; um movimento que então insinuava seu projeto socialista para a América Latina, depois de ter se institucionalizado e estar bem avançado na Europa.

No caso de Freire, o diálogo com esse movimento foi indireto, por meio de leituras, cujo reflexo aparece em seu texto *Pedagogia do Oprimido*, no qual Freire (1983) apresenta uma discussão mais consistente na fundamentação de sua proposta, principalmente nos aspectos social, econômico e político. Nesse escrito, encontra-se uma abordagem de cunho marxista, no tratamento de questões relativas ao conflito entre as classes sociais, que se digladiam pela linguagem, materializada na palavra. E eis o principal ponto de encontro entre Bakhtin e Freire: a concepção da palavra como material da linguagem, utilizada por todas as classes, mas instrumento de que fazem uso os componentes da classe dominante, para exercer sua hegemonia.

O diálogo entre os discursos de Bakhtin e Paulo Freire deu-se pela leitura dos mesmos discursos, o que lhes permitiu o estabelecimento de diálogos entre eles, apesar da distância no tempo e no espaço. Porque no dizer de Fiorin (2008, p. 19), (...) “não se tem acesso direto à realidade, uma vez que esse acesso é sempre mediado pela linguagem. A realidade apresenta-se a nós semioticamente, ou seja, linguisticamente”.

E o dialogismo se constitui justamente das relações de sentido entre enunciados, os quais, por sua vez, emergem das intersubjetividades.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**. Traduzido da edição americana. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 2009.
- _____. **Para uma filosofia do ato**. Traduzido da edição americana. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 2008.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévsky**. São Paulo: Forense Universitária, 2003.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. IN: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailóvitch; MEDVEDEV, Pavel Nikolaevich. **The formal method in literary scholarship**. Translation Albert J. Wehrle. London: Harvard University Press, 1985.



- BERTHOFF, A. Prefácio. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- DAHLET, Veronique. A entonação no dialogismo bakhtiniano. IN: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2005.
- EMERSON, C. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução Pedro Jorgensen Jr. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FARACO C. A.; TEZZA, C. Apresentação. In: **Discurso na vida e discurso na arte**. Traduzido da Edição Americana. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 2009.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- _____. O romance a simulação do funcionamento real do discurso. IN: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2005.
- FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008. Apêndice: 138,139.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982. 21ª edição.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Moraes, 1979.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: **Bakhtin: outros conceitos-chave**. BRAIT, Beth. (Org.). São Paulo: Contexto, 2006.
- MORSON, G.S. e EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Trad. de Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.
- MOURA, Edite M. **Leitura em Bakhtin e Paulo Freire: palavras e mundos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.
- SARTRE, J. P. **El hombre y las cosas**. Buenos Aires: Losada S.A. 1965.

